

Mobilização para combater o horror do feminicídio

CRIME / O Distrito Federal passa por uma onda crescente de feminicídios, que tem mobilizado autoridades e sociedade civil para enfrentar a violência contra as mulheres. Correio promove, hoje, a partir das 14h, um seminário para debater o tema

Para dar um basta às tragédias diárias

MILA FERREIRA

O preocupante aumento dos casos de feminicídio no Distrito Federal tem acendido um alerta contra a violência doméstica. De janeiro de 2023 até o momento, a Secretaria de Segurança Pública do Distrito Federal (SSP-DF) contabilizou ocorrência de 21 feminicídios, quatro a mais do que a quantidade registrada em todo o ano de 2022, com 17 casos no total. Ainda crescente de feminicídios na capital do país será pauta do evento promovido, hoje, pelo Correio Braziliense, cujo tema é Combate ao feminicídio: responsabilidade de todos. Esta é a segunda edição do debate, que tem como objetivo reunir autoridades especializadas para tratar sobre formas de enfrentamento deste crime, além de ações ligadas ao acolhimento das vítimas. O feminicídio foi tipificado como crime hediondo pela Lei 13.104/2015, ao destacar que "feminicídio é qualificado contra a mulher por razões da condição de sexo feminino. São eles: violência doméstica e familiar em conexão ou discriminação à condição de mulher", diz o texto da lei.

Advogada e fundadora do Instituto Retomar — que atua na proteção dos direitos das mulheres — Marlon Garcia explica que a tipificação do feminicídio no Código Penal foi baseada para mostrar a repressão de crimes contra as mulheres. "A inclusão deste inciso veio no âmbito do Inquérito Parlamentar a repressão de crimes contra as mulheres, uma vez que, infelizmente o Brasil tem taxa muito alta de feminicídio. Percebemos que o único fato de aumentar a pena não é suficiente para diminuir drasticamente o cometimento desses crimes, para isso são necessárias políticas públicas: proteção à mulher, prevenção, conscientização para ambos os sexos", pontua a especialista. "O feminicídio é um crime muito grave, que reduz a mulher a um objeto, como algo que dá posse do autor. Em muitos casos, ele ocorre após uma separação, ou de um pedido de divórcio, quando o autor não aceita o fim do relacionamento. Ela sofre intermperação a vida de mulheres e detém filhos orfãos, é um problema que diz respeito à toda sociedade e deve ser prevenido o quanto antes", acrescenta Minon. Para Larissa Guedes, especialista em ciências criminais, advogada e mestre em Estado, governo e políticas públicas, o feminicídio é um desafio a ser superado na sociedade. "O silenciamento das mulheres, o medo das ameaças e violência do algoz, que quase sempre é alguém próximo, a sensação de impotência e a barreira que cria o tempo de exposição da mulher ao agressor são fatores que dificultam as realizações das crimes e contribuem com a elevação dos índices de feminicídio", observa a especialista. A condição social das vítimas de violência pode dificultar tanto na hora de desenvolver do agressor como na hora de denunciar. "O processo de denúncia é uma despesa e custoso financeiramente para essas mulheres que, muitas vezes, precisam priorizar alimentar seu filho, do que dedicar-se para unidades de atendimento ou cumprimento de diligências de prisão para acompanhamento processual", pontua Larissa. "Para que haja melhorias nos acontecimentos às mulheres vítimas de violência e, consequentemente, na redução das taxas de feminicídio,



Celina Leão participará do evento Combate ao feminicídio: uma responsabilidade de todos



A ministra da Mulher, Cida Gonçalves, representará o governo federal no debate de hoje

Vítimas de feminicídios no DF

- Elaine Vieira de Jesus Dias, 35 anos. Morta por estufamento pelo companheiro, Marcus Renato de Sousa da Silveira.
Patricia Pereira, 41 anos. Morta pelo marido, Bruno Gomes Mares, com um tiro.
Claudia Barbosa de Melo, 40 anos. Estafada pela companheira, João Paulo Sousa França.
Valdick Santana, 47 anos. Morta por asfixia pelo companheiro Bruno Gomes de Oliveira.
Emilly Talita da Silva, 20 anos. Morta com uma facada nas costas pelo ex-companheiro, Jonas Costa.

em o filho no colé.

- Jeane Sena Santos, 42 anos. Morta com um tiro dada pelo ex-marido, João Inácio dos Santos.
Giovana Camilly, 20 anos. Morta com dois tiros pelo ex-namorado, Wellington Rodrigues Ferreira.
Izabel Guimarães, 36 anos. Morta com um tiro pelo ex-marido, Paulo Roberto Moreira, na frente da filha de 10 anos.
Simone Sampaio, 40 anos. Morta a facadas pelo ex-marido, João Alves Catarina Neto.
Letícia Barbosa Mariano, 25 anos. Espancada até a morte

Indiciado

- Marcus Renato de Sousa da Silveira, 44 anos, foi indiciado por feminicídio na última terça-feira. O homem está preso temporariamente e, segundo a polícia, ele teria mentido sobre a morte de Elaine Vieira de Jesus Dias, 35, ao dizer que ela teria se enforcado com um pedaço de carne. A morte de Elaine ocorreu na noite de 22 de março, na casa de Marcus. Ele alegou que ela teria passado mal e morrido após se engasgar com um pedaço de carne, mas os elementos que ligam Marcus à morte de Elaine são robustos, segundo o delegado à frente do caso, Marcus Miranda. Segundo o investigador, o laudo elaborado pelo Instituto de Medicina Legal (IML) aponta fortes indícios de que a mulher tenha sido assassinada por esganadura.

faz-se imprescindível a consolidação e a integração da rede de proteção, a fim de evitar a reatuação desses murders, com ênfase no acolhimento e promoção educacional de forma ampla — formal, escolar, social e comunitária", opina Larissa Guedes.

Órfãos do feminicídio

Na última terça-feira, o Governo do Distrito Federal (GDF) anunciou a criação da Rede Distrital de Proteção aos Órfãos do Feminicídio. A medida estabelece diretrizes para implementação de políticas públicas de atenção a crianças e adolescentes até 18 anos, dependentes de mulheres assassinadas em contexto de violência doméstica e discriminação de gênero. A rede foi criada por meio de decreto assinado pelo governador em exercício, Celina Leão (PP). "O objetivo é realmente dar o apoio às pessoas que continuam sendo vítimas do feminicídio, que um crime continuado, porque não finaliza

mento do crime. As crianças e a família continuam sendo vítimas", afirmou Celina Leão, após assinar a criação da rede.

Seminário

O debate de hoje será transmitido ao vivo, a partir das 14h, pelas redes sociais do Correio: Facebook e YouTube. O evento será mediado pela jornalista e titular da coluna Ezo Capital, Ana Maria Campos, e pelo editor de Política e Brasil do Correio, Carlos Alexandre de Souza. Participarão do evento a governadora em exercício, Celina Leão (PP); o secretário de Segurança Pública do DF Sandro Azevêz; a ministra da Mulher, Cida Gonçalves; a assistente de assessoria internacional do Ministério das Mulheres, Rita Lima; a integrante da Executiva Nacional da Associação Brasileira de Juristas pela Democracia (ABJD) e assessora pedagógica do Núcleo Mulheres Negras de Vera Lúcia Santana Araújo; a defensora pública e chefe do Núcleo de Promoção e Defesa dos Direitos das Mulheres, Junita Carneiro; a coordenadora do Observatório Pop Negro da Universidade de Brasília (UnB), Majone Claves; Vera Lúcia Santana Araújo acredita que o debate será positivo pela credibilidade do Correio. "Dada a importância e alcance da comunicação do problema no âmbito do Distrito Federal, Ms, certo que a complexa questão do feminicídio atingiu todo o país, dos grandes centros às pequenas cidades. Enfrentar e combater a violência de gênero exige a firme atuação do Estado e a organizada mobilização da sociedade, uma vez que ao matar uma mulher, as dores familiares causadas pelo machismo impactam fortemente vários setores de serviços públicos", ressalta Vera Lúcia. Também confirmaram participação a perita criminal e diretora do Distrito de Perícias Cerebrais do Instituto de Criminalística da Polícia Civil do DF Beatriz Figueiredo; a

presidente da Comissão de Enfrentamento da Violência Doméstica da seccional DF da Ordem dos Advogados do Brasil (OAB-DF), Cristina Tubau; a assessora Srairê na área de Enfrentamento à Violência contra as Mulheres da ONU Mulheres Brasil, Wilânia Pinheiro; o promotor de Justiça do Distrito Federal, Daniel Bernonilli; a delegada-chefe da Delegacia de Atendimento à Mulher (DAM), Letícia Lourenço; e o representante do Juizado de Violência Doméstica e Familiar contra as Mulheres do Núcleo Bandeirante, Ben-Hur Viza. A perita Beatriz Figueiredo explica que os crimes feministas violentos e intencionais são o ponto final e extremo de um caminho de outras agressões baseadas no gênero, comuns nos sistemas sociais sustentados pelo patriarcado, quando, segundo ela, ser mulher é, por si só, um perigo. "Dessa forma, debater sobre o feminicídio faz parte de um conjunto de estratégias destinadas a trazer visibilidade sobre a gravidade do tema, a fim de sensibilizar

as instituições e a população sobre a situação e reconhecer a sociedade. Eventos voltados para esse tipo de discussão são fundamentais para combater a impunidade penal, promover os direitos das mulheres e estimular a adoção de políticas de prevenção à violência baseada no gênero", afirma Beatriz. A representante da ONU, Wilânia Pinheiro destaca o debate. "O evento se reveste de grande importância, tanto pela urgência em se refletir sobre as dificuldades de o Estado brasileiro ajudar a enfrentar para implementar as políticas e medidas adequadas para evitar que os feminicídios aconteçam, quanto pelo momento estratégico de retomada das políticas para as mulheres, com perspectiva de gênero, e que nos oferece a oportunidade única de refletir sobre a experiência passada, além de propor mudanças de paradigma em formas de prevenção a todas as formas de violência de gênero contra as mulheres", conclui Wilânia.

Veículo: Impresso -> Jornal -> Jornal Correio Braziliense - Brasília/DF

Seção: Cidades + Política e Economia do DF Pagina: 13